

O Brasil já deu a virada

STEPHEN CHARLES KANITZ

O milagre brasileiro nada mais foi do que o milagre do crescimento com financiamento barato. Até 1981 captávamos no Exterior recursos financeiros a um juro de 3% ao ano, e os empresários investiam estes recursos em atividades produtivas que rendiam 15% a 18% ao ano, e ficávamos com a diferença. Com este tipo de financiamento e rentabilidade, poderíamos crescer mais cem anos. Infelizmente em meados de 1981, todos os bancos internacionais cortaram suas linhas de crédito ao País, interrompendo nossa fonte de crescimento a juros baratos. A maioria das pessoas, e os economistas do FMI, atribui este corte a um desajuste na nossa economia, um superendividamento, as obras faraônicas, e incompetência do governo.

Na realidade, não foi o superendividamento da nossa parte que interrompeu este crescimento mas um erro na regulamentação bancária do governo americano, que proíbe seus bancos emprestarem além de 12 vezes seus capitais não corrigidos pela inflação. Em 1981 estes bancos tiveram seus capitais corroídos pela inflação americana em 14%, o que não somente estancou novos empréstimos mas gerou a brutal transferência de divisas no sentido oposto e a recessão de dez anos chamada de década perdida.

O erro dos nossos economistas foi negociar continuamente o "ajuste" da economia brasileira



com o FMI, em vez da mudança do regulamento bancário americano. Provavelmente nunca o leram. O mais importante desta análise é que paramos em 1981 não porque a economia brasileira estava estruturalmente desorganizada, mas por um pequeno e desconhecido regulamento bancário americano.

Por outro lado, esta mesma inflação acabou resolvendo a crise da dívida por si só. A inflação americana nestes 12 anos corroeu a dívida externa em 40%, quase pela metade. Devíamos na época US\$ 180 bilhões, ao dólar de 1993, e hoje não passa de US\$ 110 bilhões, com US\$ 20 bilhões de reservas. O problema inicial que parou o Brasil em 1981 não existe mais. Tendo que captar recursos a 20% ao ano no mercado interno, nenhuma empresa investiu ou se endividou nestes dez anos, algo perfeitamente previsível dez anos atrás.

Hoje, as empresas brasileiras são as menos endividadadas do mundo (por isto poucas quebraram nestes dois anos). Elas possuem a base de capital necessária para alavancar o nosso crescimento daqui para frente, assim que retomarmos uma política desenvolvimentista e não recessiva.

O que significa que teremos um novo ciclo de endividamento, só que a juros de 3,5% ao ano novamente, vindo do Exterior. Para isto muita coisa tem de mudar. Primeiramente uma consciência nacional de que toda a problemática da dívida externa foi muito mal conduzida. Fizemos uma moratória para afugentar quem nos emprestava a 3,5% por ano, para cair nos braços de quem empresta a 3,5% ao mês.

Ao contrário do que se pensa, nossas empresas ainda não estão sucateadas. A idade média dos

equipamentos, de dez anos, é semelhante ao que se encontra na Europa e EUA. Perdemos, sim, nossa vantagem competitiva de 1981, quando a idade média dos equipamentos era de 6,5 anos. Menos mal. A maioria das 500 maiores empresas do País já se ajustou, o que falta é retomar o volume de vendas para se tornarem rentáveis novamente.

Eliminada a inflação, o fluxo de capitais para as bolsas transformará a imagem atual do Brasil de um país perdedor em país de sucesso. Nossos grandes problemas serão outros, de como administrar este crescimento especialmente os gargalos como o de energia elétrica. A mentalidade do jovem e da população mudou de forma irreversível. Tivemos 200 anos de migração dos filhos mais empreendedores das cidades do interior para as capitais; hoje, temos uma migração dos mais empreendedores das capitais para o interior. Nada menos que 13 mil franquias foram abertas nestes últimos 5 anos no interior, levando capital e treinando pessoal. Nosso problema de educação está sendo resolvido de outra forma.

Os melhores alunos de antigamente eram pixados de CDFs, hoje são chamados de CD's, cabeças douradas, uma atitude de respeito à competência. A nova geração quer amigos que vão somar neste mundo competitivo. Por várias outras razões, o interior e o mercado interno serão os grandes propulsores de nosso crescimento, e compensarão a nossa atual falta de competitividade externa.

A maioria dos empresários, até os da Fiesp, está descobrindo ser mais vantajoso agradar ao cliente do que agradar ao governo. Mais importante, descobriram que não dá para tratar bem os

seus clientes se tratarem mal os seus empregados. A valorização do cliente e do empregado, o respeito ao ser humano estão finalmente revertendo a baixa autoimagem do brasileiro, razão de vários dos nossos problemas. Finalmente, a visão de que somos uma imensa orquestra regida pelo ministro da Economia chega ao fim. Estamos entrando na era do administrador, e a visão de que somos sim centenas de conjuntos, MPBs, quartetos regidos pelo desejo de fazer boa música, leia-se produtos, e agradar ao público, leia-se clientes. Grandes empresas que ficam constantemente olhando o maestro, leia-se governo, estão perdendo o barco. Erra quem fica parado, lamuriando sobre a baixa qualidade dos nossos presidentes. O mundo moderno caminha de baixo para cima e não por políticas industriais ditadas de cima para baixo.

Chegamos ao fundo do poço em novembro de 1992, e estamos saindo do fundo do poço de forma irreversível. Teremos reduções na taxa de recuperação neste segundo semestre, mas a tendência é irreversível pelos fatos que apresentei. Terminada a inflação, que será mais cedo do que a maioria das pessoas pensa, o País começará um crescimento econômico explosivo. Empresários se arrependerão de não ter investido e treinado pessoal nas épocas menos movimentadas quando os empregados estavam ociosos e os investimentos em construção superbaratos.

■ **Stephen Charles Kanitz, professor da USP, é consultor da Exame. Em texto à revista Diretor Lojista, publicado em 1983, ele previu a retomada do crescimento do País, após dez anos. Neste novo artigo explica por quê.**